

Magno supera campanha pobre com dedicação

27 Filhos fazem assessoria

Nos últimos meses, o pai Carlos Magno tem se dedicado muito pouco à família; em compensação, o candidato Carlos Magno convive minuto a minuto com seus familiares. Não se trata de uma contradição. Com os parclos recursos que dispõe para fazer a campanha, não restou outra solução para o candidato do PMN: convocou os filhos para ocuparem os cargos de coordenação e assessoria da campanha. Seu filho mais novo, Alexandre Magno, de 23 anos, é o coordenador-geral, e reclama a falta de espaço para sua atuação: "Meu pai é muito rápido e teimoso, quando eu penso em organizar alguma coisa, ele já fez, sempre à maneira dele", observou.

Dentro de casa, quem comanda a campanha é a filha Daniella, de 26 anos. Ela acredita que a candidatura não tem atrapalhado a sua relação e a de seus irmãos com o pai, "pois ele sempre encontra um tempinho para conversar com a gente", lembrou. Daniella é mãe de Raphael, um dos seis netos de Carlos Magno. Pai de seis filhos, quatro mulheres e dois homens, e casado com Maria Auxiliadora, Carlos Magno só lamenta o pouco tempo que tem tido para seu maior passeio: jogar sinuca.

ROBERTO SEABRA

Dormir duas ou três horas por noite, cumprir uma agenda repleta de encontros com a militância, reuniões intermináveis, almoços, jantares, comícios e, principalmente, gravações para o horário gratuito de propaganda eleitoral no rádio e na tevê. Esta é a rotina normal de um candidato a governador, mas nem sempre é assim. Para Carlos Magno, 54 anos, candidato pelo Partido da Mobilização Nacional (PMN), campanha política é sinônimo de persistência e dedicação.

Com o partido dividido — até hoje ele ainda não conseguiu aparecer nos programas de tevê do PMN — e sem dinheiro, pois o pouco que conseguiu juntar ficou retido no bando por causa do Plano Collor, Carlos Magno habituou-se a fazer uma campanha franciscana, com a ajuda de amigos e familiares: "Recebi de um conterrâneo 500 mil santinhos, foi o único presente que ganhei até agora", lamentou o candidato.

Para compensar a falta de estrutura, Magno acorda todos os dias às 7h, toma café com a família, define sua agenda com a ajuda dos filhos e da esposa, entra no seu carro e comece uma paciente peregrinação por repartições públicas da cidade. Com 33 anos de serviços prestados ao Governo Federal e ao GDF, não é raro encontrar em cada andar dos ministérios um velho conhecido, como aconte-

ceu na visita que fez ao Ministério do Trabalho e Previdência Social. Ao entrar numa sala, o candidato é saudado por velhos colegas: "Carlão, pensei que você não lembraria da gente", festeja Vera, com quem trabalhou há 11 anos. Em todos os andares é sempre a mesma coisa, um antigo companheiro de trabalho é a senha para começar a distribuição de santinhos e adesivos.

Acompanhado por seis fiéis escudeiros: Everaldo Peleja,

Marco Aurélio, David Tereza, Luís Carlos Bragança, Dalmo Siqueira e Paulo Tollini, todos candidatos à Câmara Distrital pelo PMN, Carlos Magno faz uma verdadeira "operação pente fino" em salas, corredores, refeitórios e até cozinhas dos ministérios: "Aqui todo mundo me conhece, sabe como eu sou, e por isso mesmo votam em mim", diz ele eufórico, ao ser reconhecido na rua por um velho motorista do Ministério da Justiça.

Um barnabé que adora sinuca

O candidato do PMN ao governo do DF é um homem de personalidade irrequieta e currículo bastante diversificado. Com 54 anos, 33 dos quais vividos em Brasília, Carlos Magno Dias chegou à cidade atraído pelo trinômio quase perfeito da "Era Juscelino": trabalho, dinheiro e ilusão. Como a grande maioria dos pioneiros, Carlos Magno começou a trabalhar como funcionário público na Novacap, assumindo logo em seguida a diretoria administrativa do extinto Departamento de Força e Luz (DFL). Trabalhou depois disso em vários órgãos federais e foi professor de Organização e Métodos e Organização Racional do Trabalho na Escola Superior de Administração Fazendária, Telebrasília e Câmara dos Deputados, entre outros.

Na década de 60 ajudou a fundar o DFPL Futebol Clube, primeiro time campeão da cidade. Antes de chegar a Brasília, em 1958, já havia passado pelo Botafogo e São Cristóvão, do Rio, e pelo Atlético de Belo Horizonte. Polidesportista, Carlos Magno atuou naquela época na Seleção Brasileira de Voleibol, esporte que até hoje pratica, além do tênis e da sinuca.

Mineiro de Lavras, passou grande parte de sua vida na cidade vizinha de Santa Rita do Sapucaí, onde estudou e cresceu. Alheio à política estudantil do ginásio — "só pensava em jogar bola" fez campanha para Juscelino Kubitschek em 1955. Além de professor, funcionário público e esportista, Carlos Magno também é escritor e publicou quatro livros.

Ao meio-dia pausa para o almoço no restaurante Cyprus na 114 Sul. Em apenas três horas foram três ministérios, dezenas de salas e algumas centenas de ex-companheiros. Durante a tarde a rotina se repete, só que desta vez nos quinze andares do anexo do Palácio do Buriti: "O que me dói é ter descoberto tarde que que se eu tivesse dinheiro o PMN estaria inteiro comigo. O Roriz e o Elmo, por terem muito, conseguem manter unidos todos esses partidos. É uma pena, "desabafa Carlos Magno.

Para o próximo dia 12, o candidato do PMN, Carlos Magno, promete uma bomba que vai mudar os rumos da campanha eleitoral em Brasília. Trata-se do Projeto Alvorada, onde ele traça as principais metas do seu governo. Coberto por uma capa de mistério, o Projeto Alvorada pretende fazer uma recriação de Brasília: "São planos e sonhos que eu venho juntando há anos, e que agora eu pretendo revelar aos eleitores".

Apesar do mistério, Carlos Magno não deixa de comentar algumas prioridades do seu programa de governo. A primeira delas é a geração de empregos. O candidato pretende promover a industrialização das cidades-satélite, através da criação de fábricas de material de construção, feitas pela própria comunidade em mutirão. Ainda com relação ao trabalho, ele pretende tirar da rua todos os meninos carentes e mendigos.

RENATO COSTA



Lazer: paixão pelo tênis, sonho com o Buriti